

022015

teens

WORK IN PROGRESS 4 UNITY



A paz

é contagiosa.

Vamos propagá-la!

Sozinhos contra o mundo?

Você está contra o mundo ou com o mundo? Guerra, máfia, concorrência são problemas sobre os quais ouvimos falar constantemente. Formar equipe, então, é a única solução, especialmente para dar um sinal concreto da beleza de alcançar objetivos juntos. Basta dar um passo para o Oriente para descobrir: no Oriente Médio, um professor começou com a sua sala um projeto chamado "Living Peace", que agora se espalhou em 100 países, demonstrando que muitos desejam a paz. Também na Itália não faltam dificuldades: nesta terra devastada pela máfia, recorda-se um passado doloroso para um

presente diferente. Os protagonistas somos nós, os jovens: não só a esperança do futuro, mas os braços do presente. A atividade proposta por Libera Terra, "100 Passos para a legalidade", é a prova disso. Mas é preciso começar a partir de nós mesmos. Aurora Ruffino, atriz de Braccialetti Rossi, conta que, na sua atuação, conheceu um mundo difícil, no qual ela espera influir muito com o seu trabalho. Os meninos de uma classe multiétnica de Turim nos contam: de 24 alunos, apenas 10 são italianos no documento, mas todos são italianos de coração. Juntos, eles estão descobrindo a beleza de se sentirem parte de uma coisa só, mas também a dificuldade de não sê-lo oficialmente. Como fazer? Estar sozinhos contra o mundo talvez não seja a melhor solução! Nós propomos estar juntos com o mundo, como uma equipe só.

Carlotta Raimondo



teens
WORK IN PROGRESS 4 UNITY

2 Sozinhos contra o mundo?

8 Cidadãos e estrangeiros

3 Três novos amigos

10 Não é só ficção

4 A Paz é contagiosa. Vamos propagá-la

7 100 passos para a Legalidade

Índice



Ter novos amigos

de um grupo de jovens de Bassano del Grappa, Castelfranco Veneto, Cittadella

Uma tarde de diálogo e interação. Um grupo de leitores nos fala sobre um encontro bem especial.

Olá Teens!

Obrigado por enviar notícias do nosso mundo jovem ... Nós estamos crescendo para lhes falar sobre uma reunião bem especial que fizemos no último sábado, 17 de janeiro, com a Associação Casa em Cores, da cidade de Bassano del Grappa (VI), um centro que trabalha para acolher os imigrantes, que vêm de várias partes do mundo, sobretudo dos países árabes, ajudando-os a aprender italiano, a encontrar uma casa e a fazer amizade com outros italianos. E naquele sábado ... nós fizemos amizade com Amin, Aziz e Omar, três jovens norte-africanos que vivem aqui na Itália. Encontramos muitos, na verdade: nós éramos cerca de trinta jovens e uns trinta adultos também. Ouvimos as histórias de Omar e Amin e conversamos em profundidade com eles. No final, demos a eles uma cópia de Teens. Aqui estão algumas das nossas impressões e ... nossas fotos!

Ontem a reunião foi uma excelente oportunidade para o diálogo. Havia muitas pessoas e a atmosfera era de atenção e interesse; falamos de assuntos que ouvimos todos os dias, mas aos quais não damos o valor correto, como a imigração, emigração e principalmente integração.

Matteo e Manuele

A mir, Omar, Aziz nos conquistaram porque eles são simpáticos, diretos e muito francos :-)

Elia e Matteo

Hoje cedo, na missa, disseram que hoje é o dia dos imigrantes e dos refugiados. O encontro de ontem, na cidade de Bassano, foi bem de acordo com esse tema... A associação que pudemos notar, nos fez entender a importância dos projetos e da ajuda que é dada a toda a comunidade. Analisaram vários aspectos do fenômeno da imigração, esclarecendo assuntos que, em geral, não são conhecidos profundamente e só por "ouvir falar", mas que influenciam negativamente no modo de pensar das pessoas.

Para quem não veio hoje, foi um encontro muito bom, durante o qual discutimos vários assuntos referentes principalmente à imigração. Foi ótimo partilhar as próprias ideias e dialogar com pessoas que experimentaram essa situação na própria vida.

Luca



A paz

é contagiosa.

Vamos propagá-la!

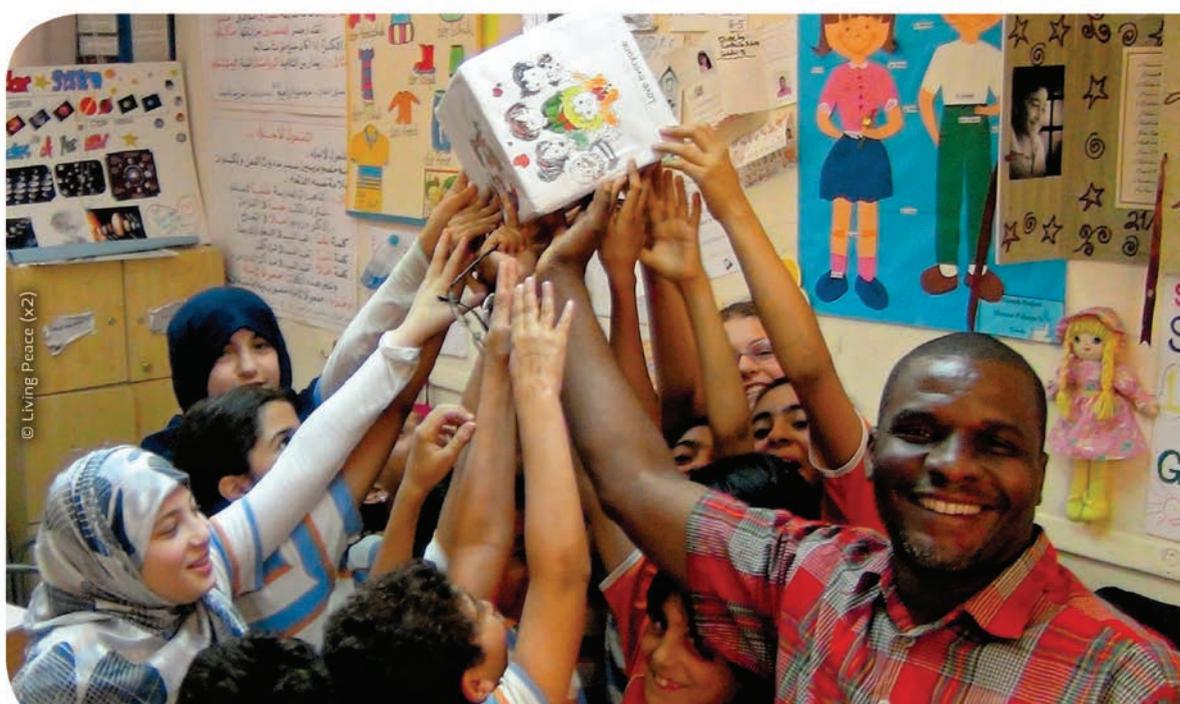
TRÊS ANOS ATRÁS,
NO EGITO, NASCEU UM
PROJETO DE EDUCAÇÃO
PARA A PAZ, QUE
ENVOLVE HOJE 70 MIL
JOVENS DE MAIS
DE 100 PAÍSES.
EM MAIO,
NO CAIRO, ACONTECEU O
'UM FORUM INTERNACIONAL
COM O TÍTULO
"LET'S BRIDGE"

Viver pela paz, dia por dia, começando pelas nossas classes. Este é o objetivo do projeto "Living Peace", que nasceu numa escola do Cairo (Egito), para viver e difundir uma cultura de paz. Um método simples e envolvente, baseado na coerência entre teoria e prática, entre princípio e ação, entre valores e experiência.

Nos seus três anos de vida, "Living Peace" reuniu mais de 70 mil crianças, jovens e adultos de 100 países. Neste ano, a fase conclusiva do projeto acontecerá no Cairo, onde se realizará o "Students' World Peace Fórum 2015", com o título "Let's Bridge". Vamos conversar sobre isso com Carlos Palma, idealizador do projeto e diretor das atividades internacionais no El Rowad American College do Cairo.

Pode nos contar como nasceu a ideia de criar "Living Peace"?

«Moro no Oriente Médio desde 1985 e, desde então, tive de conviver com todas as consequências das guerras. Sempre me impressionou o fato que a maioria das vítimas são os jovens, bem como aqueles que não aceitaram alguns regimes. Ao longo dos anos, entendi o quanto é precioso e importante trabalhar com as novas gerações. Eu me questioneei o que podia fazer, enquanto educador, para contribuir na criação de uma cultura de paz, que possa substituir aquela cultura da guerra que invadiu todos os nossos países árabes. Pensei, então, de começar pela classe onde dou aula, e propor um "dado da paz". Comecei a utilizá-lo com 15 alunos e, vendo os resultados, recolhi umas vinte experiências e as deixei em cima da mesa da diretora da escola, com um bilhete: "Este é o meu método pedagógico". No dia



seguinte, numa reunião com os 80 professores do corpo docente, ela mesma propôs o dado como método a ser usado em todas as classes. E, assim, com 60 dados e um simples livrinho de explicações sobre como usá-lo, começamos. São muitas as experiências positivas em toda a escola.

A ideia se espalhou rapidamente em outros institutos do Cairo e, depois, nos de Alexandria do Egito. Disso, nasceu um projeto educativo que denominamos “Living Peace”: não “viver pela paz”, mas “viver a paz”. Em poucos meses, difundiu-se em outros países, e algumas organizações internacionais que trabalham pela paz quiseram difundir-lo. Creio que o sucesso se deve à grande necessidade de paz em todo o mundo, e também à simplicidade desse modo de viver e de difundir a paz no coração das pessoas».

Esses últimos meses estão sendo bem difíceis para todo o Oriente Médio, acontecimentos dolorosos envolveram também o Egito. Vocês que estão comprometidos com um projeto pela paz que engloba vários países do Oriente Médio, como estão vivendo esse momento?

«A maior dificuldade que temos de enfrentar é com os meios de comunicação, que mostram só imagens horríveis e dramáticas do que está acontecendo, nunca apresentam as iniciativas de paz, os gestos de solidariedade e fraternidade que nascem

TODAS AS MANHÃS, UMA FRASE A SER VIVIDA

Seis lados, seis lemas a serem vividos para construir elos de fraternidade: amar as outras pessoas, amar a todos, ser os primeiros a amar, amar-se mutuamente, perdoar uns aos outros, escutar-se reciprocamente.

Assim, são apresentados os seis lados do dado usado pelas classes que aderiram ao projeto “Living Peace”. Todas as manhãs o dado é lançado, é lida a frase sorteada, e todos se comprometem em vivê-la durante o dia inteiro. Uma vez por semana, os estudantes e professores são convidados a partilhar com a escola, e/ou com outros, as próprias experiências de construção da paz, por exemplo, por meio de áudio visuais dos testemunhos impressos e pendurados no corredor da escola, com o e-mail endereçado a estudantes de outras escolas da própria cidade ou país, ou de outros países, que participam do projeto, ou em outras modalidades criativas.



em situações dolorosas. Aquilo que está acontecendo nos faz sofrer muito, mas não nos desanima, ao contrário, é um trampolim para continuar a nos empenharmos com todas as forças, a fim de que a paz nasça antes de tudo no coração das pessoas, convictos mais do que nunca que parte de cada um de nós».

Em maio haverá o “Students’ World Peace Forum 2015”; como vai indo a preparação?

«Estamos trabalhando muito! Aqui no Cairo, umas quinze escolas e associações estão engajadas na preparação. E umas cem delegações da América Latina, do Oriente Médio e da Europa confirmaram a presença. As dificuldades são muitas, mas não se faz nada de grande sem enfrentar obstáculos. Através de cartas de jovens de vários países do mundo, convidamos Malala Yousafzai, prêmio Nobel da Paz, a falar. Também estamos preparando a cerimônia da nomeação dos “Pequenos embaixadores da paz”, que se realizará durante o Fórum. Além disso, haverá Mostras de arte ligadas ao tema “Let’s bridge”, uma exposição de pipas da paz, que os jovens lançarão no mundo inteiro, além de uma apresentação de projetos, experiências e apresentações artísticas. O Fórum quer ser um sinal de esperança para todos aqueles jovens que estão desanimados com a situação mundial, e também um momento de novo impulso para o nosso compromisso com a paz, na certeza de que juntos conseguiremos mudar para melhor a face da terra».



EMBAIXADORES DA PAZ

O Círculo universal dos embaixadores da Paz (França-Suíça) decidiu conceder o título de “Pequenos embaixadores da paz” àquelas crianças e jovens entre 6 e 17 anos, que participam do projeto “Living Peace” e que, ao longo do ano escolar 2014-15, realizaram ações especiais em favor da paz. Os embaixadores são escolhidos por suas ações, por seu espírito e por suas palavras; pela fraternidade e pela humanidade que demonstram nos ambientes da vida cotidiana, na escola, em casa, em toda parte! A cerimônia da entrega do título acontecerá na presença de Madame Gabrielle Simond, Presidente do Círculo universal dos embaixadores da paz.



© Living Peace (x2)

CARTA PARA MALALA

Um dos convidados especiais para o “Students’ World Peace Forum 2015” é Malala Yousafzai, a jovem ativista paquistanesa que atua em favor da educação feminina, vencedora do prêmio Nobel da Paz 2014. Há algum tempo Malala se interessou pelo projeto “Living Peace” e expressou o desejo de ver as imagens do último Festival Internacional pela Paz, realizado no Cairo, no ano passado. Nestes meses, centenas de cartas do mundo inteiro foram enviadas a ela pelos jovens que aderem ao projeto “Living Peace”. Objetivo: partilhar com ela o compromisso pela construção de uma cultura de paz, convidá-la a participar do Fórum 2015 e ouvir o seu testemunho.

POR UM MUNDO UNIDO
ATRAVÉS DE PALAVRAS E IMAGENS,
EVENTOS E TESTEMUNHOS



100 PASSOS PARA A LEGALIDADE

O DIA 21 DE MARÇO É O DIA DA MEMÓRIA E DO COMPROMISSO EM RECORDAÇÃO DAS VÍTIMAS INOCENTES DA MÁFIA. FORAM MUITAS AS INICIATIVAS DO PROGRAMA.

Máfia é ameaçar um juiz porque ele combate a ilegalidade. Máfia é fazer com que o comerciante pague o 'pedágio'. Máfia é derrubar um parque infantil para construir um posto de gasolina. Ou talvez também provocar um colega porque não usa roupas de grife, não pagar a passagem de ônibus que nos leva para a escola, jogar o saco de batatas fritas no chão. Aparentemente, essas atitudes "mafiosas" podem ser encon-

tradas em nossos hábitos diários, quando fazemos algo que visa alcançar os nossos interesses, mas que prejudicam o ambiente em que vivemos. É por isso que a associação Libera (conhecida por sua luta contra o crime organizado) propõe o caminho "100 degraus até 21 de março", durante a qual serão dadas aos cidadãos italianos, e em particular aos jovens estudantes, a oportunidade de conhecer e visitar os lugares onde os massacres ocorreram, como em Ústica (Ilha do Mar Tirreno, na Itália, ndt), e também o de 2 de agosto, na estação de trem de Bolonha; e isso através de visitas com os guias. O conhecimento do passado pode nos ajudar a compreender o presente, e qual pode ser a deterioração de algumas das nossas atitudes. Conscientes de que a luta contra a máfia parte de nós, jovens, queremos nos comprometer a levá-la adiante devidamente preparados.

Cecilia Pietropaolo

Cidadãos

de Beatrice
Cerrino

ou estrangeiros

Como funciona na Itália o direito à cidadania. O desafio apresentado pela segunda geração, pelos filhos dos imigrados que nasceram nesse país.

«Somos uma classe, um grupo, somos da Rússia, Brasil, Marrocos, Tunísia, China, Equador, Peru, Moldávia, Romênia, somos uma família multiétnica no pequeno mundo fechado entre as paredes da escola». É Hayatt, marroquina, a escrever isso. Ela faz parte de uma classe de 24 estudantes (dos quais 10 são italianos), de um instituto profissional de Turim. «No intervalo, gostamos de saborear as especialidades uns dos outros – continua –, de conhecer um pouco a história dos nossos povos; eu, que por tradição estou acostumada a não

poder sair de casa sozinha à noite, encontrei uma afinidade com Pe, chinesa, que vive a mesma situação que eu. Enquanto nos deparamos com um mundo tão pequeno, não tem problema; mas quando saímos daqui, carregamos a riqueza daquilo que construímos, e isso nos ajuda a enfrentar as dificuldades». E dificuldades não faltam, como, por exemplo, as que estão ligadas à burocracia, porque quem nasce na Itália de pais imigrantes, ou chega aqui bem pequeno, um dos maiores problemas é o reconhecimento da cidadania. Os alunos dessa classe, da qual estamos falando, vivem isso na própria pele, e não por nada dedicaram um espaço para aprofundar esse tema. Eis algumas das reflexões deles. «Concordo que um país se preocupe em tutelar antes de tudo os próprios cidadãos – escreve Sara, do



A CIDADANIA

A atribuição da cidadania se baseia na contraposição de duas regras gerais:



IUS SANGUINIS: atribuição com base na descendência (ex.: é italiano quem nasce de pais italianos)

IUS SOLI: atribuição com base no local de nascimento (é italiano quem nasce em território italiano).

A Itália é um dos países com as regras mais severas: não importa se você nasce na Itália; você se torna cidadão se nasceu de pais italianos (Única exceção são os filhos de pessoas desconhecidas ou apátridas, isto é, que tenham perdido a nacionalidade do seu país de origem, por exemplo, por razões políticas, e que vivem na Itália).

É possível adquiri-la em caso de **casamento e adoção, ou de residência** (pelo menos 10 anos ininterruptos na Itália, se não for cidadão da UE, 4 anos se for da UE).

No entanto, o tempo para verificar essas condições é muito longo, uma sequência complicada que pode levar anos. Atualmente, estão paradas no Parlamento algumas propostas de lei direcionadas a ampliar os casos de aquisição de cidadania, dando mais destaque ao *ius soli*, ou pelo menos a um *ius soli* “temperado”, ou seja, vinculado a alguns outros elementos, tais como a conclusão de um ciclo escolar.

Brasil –; mas deveria considerar como cidadãos também os “estrangeiros da segunda geração”: italianos. Talvez sejam tratados assim, porém, diante da lei, são considerados diferentes. Existem várias propostas de lei: o ideal seria que fossem levados em consideração, de modo que todas as pessoas que cresceram na Itália, e que não conhecem outra realidade, não vivam em pânico, com o risco de serem deportadas para um país que não sentem como próprio – como sentem a Itália –, de modo que não se sintam diferentes mais uma vez». Melânia, que é italiana, comenta: «Deveríamos refletir e pensar se é justo que uma jovem que tem um sonho, por exemplo, de entrar na nação italiana, não possa realizá-lo só porque não é uma cidadã italiana».

E Anna, russa, acrescenta: «A lei italiana atual sobre cidadania se baseia no “*ius sanguinis*”: você é italiano se descende de um cidadão italiano. Isso traz muitas contradições, porque um indivíduo que nasceu e viveu no exterior, que conquistou a cidadania porque nasceu de pais italianos e talvez nem tenha vivido na Itália, pode gozar dos direitos de cidadania.

Ao contrário, o estrangeiro, perfeitamente integrado do ponto de vista cultural, linguístico, socioeconômico, do trabalho, é condenado à “marginalização social”, sem nenhuma possibilidade de influir na vida pública. O elemento que poderia ser valorizado, para atribuir a cidadania, é o elemento cultural: é cidadão italiano qualquer pessoa que, nascida na Itália, esteja ligada aos valores essenciais da sociedade italiana, contidos na Carta Constitucional. A cidadania do terceiro milênio deveria ser construída sobre uma nova ideia de comunidade política: a comunidade cultural, não a comunidade étnica».



Não é só

de Marco D'Ercole

ficção

Histórias verdadeiras

INSPIRARAM A NARRAÇÃO
QUE FOI TRANSMITIDA
NESSES MESES



Entrevista com Aurora Ruffino, protagonista da série televisiva italiana intitulada "Braccialetti rossi", que está na sua segunda edição e está fazendo muito sucesso entre os adolescentes ... e não só entre eles.

Parabéns pelo sucesso da série de ficção Braccialetti rossi, em que vimos você no papel de uma jovem com anorexia (Cris) que, apesar das dificuldades, consegue superar essa doença, graças também à ajuda dos amigos. Que conselho você dá para as jovens que sofrem de anorexia? Como podem superar as dificuldades que têm diante de si?

«Olá! Obrigada pela entrevista! Então, aos meninos e meninas que sofrem de anorexia eu diria que devem vencer com todas as forças a tentação de se fecharem na solidão, de ficarem sozinhos. Diria a eles de jogarem para fora toda a dor, diria que falem, gritem, "vomitem" todo o sofrimento que sentem. Diria a eles para terem confiança e de entregarem às pessoas que amam: à família, aos amigos, a um médico, a um professor, a alguma pessoa. Isso porque a anorexia é um sintoma de uma dor, de um mal-estar que está na raiz, no profunda da alma e do coração».

Do ponto de vista humano, como o papel da Cris influenciou ou modificou você? Essa experiência mudou a sua relação com o sofrimento?

«Aquilo que mudou minha relação com o sofrimento foi o encontro com Albert Espinosa, o verdadeiro Leo.

Ele viveu 10 anos num hospital, dos 14 aos 24 anos, durante os quais perdeu uma perna, um pulmão e uma parte do fígado. É incrível ver que, apesar de tudo, ele é tão alegre e grato pela vida. Albert fala daqueles anos como os mais importantes da sua existência. E é maravilhoso ver que ele conseguiu transformar esses sofrimentos em algo grandioso”, positivo, lindo, e que decidiu doar generosamente a todos nós.

Com relação a Cris, graças a ela tive a possibilidade de entrar em um mundo que eu conhecia antes de modo muito superficial. Foi duro descobrir que aqui na Itália, infelizmente, a anorexia é a primeira causa de morte entre os adolescentes, depois dos acidentes estraduais (dados da Oms); descobrir que muitos jovens sofrem desse distúrbio; descobrir que se trata de uma doença que é confundida como “amiga”, “aliada”, que se insinua profundamente e pouco a pouco vai comendo por dentro».

Muitos jovens gostariam de se tornar ator, atriz. O que você aconselha? Por que você escolheu essa profissão?

«Descobri essa profissão aos 19 anos, com o filme *La solitudine dei numeri primi*. Foi o meu primeiro filme e fiquei logo encantada com a possibilidade de vivenciar vidas diferentes, caráteres e personagens totalmente diferentes de mim. Isso me fascina muito, e foi um dos motivos que me levaram a escolher essa profissão. Aos jovens que gostariam de se tornar atores, o conselho que dou é: estudar. A escola nos dá a possibilidade e a capacidade de trabalhar em qualquer campo, nos oferece os instrumentos para começar a enfrentar qualquer tipo de texto e de personagem. Não acho que seja suficiente participar de um curso ou de

uma escola para se tornar ator, com certeza. Porém, uma escola válida fornece os instrumentos que, juntamente com outros recursos, ajudarão a alcançar essa meta».

A amizade que se percebe entre vocês na série transformou-se em amizade também na vida real? Segundo você, qual a importância da amizade para superar os momentos difíceis da vida?

«Nós gostamos muito uns dos outros e, como amigos de verdade, brigamos, fazemos as pazes, caçamos uns dos outros, e

estamos próximos quando é preciso. Falamos frequentemente e, toda vez, não vemos a hora de nos reencontrarmos! A amizade é fundamental, qualquer tipo de amizade. Falo também daquela amizade profunda e sincera que pode existir entre dois irmãos. A amizade é indispensável principalmente para superar os

momentos difíceis da vida, para encontrar forças para reagir e prosseguir. É simples sermos amigos quando tudo corre bem, mas a verdadeira amizade se mostra justamente nos momentos de necessidade».

O nosso sonho, o sonho do Teens, é construir um mundo unido. Você acha que é uma utopia ou é um sonho pelo qual vale a pena viver?

«Com certeza é um sonho pelo qual vale a pena viver. Um mundo unido para mim significa, antes de mais nada, um mundo em paz, o mundo unido é um mundo solidário, sustentável, intercultural e multiétnico. Para mudar o mundo, precisa sempre partir de si mesmo. Portanto, os meus votos são que todos nós possamos aprender a nos conhecer melhor, a fim de que possamos, com serenidade e lealdade, unir-nos às outras pessoas».

